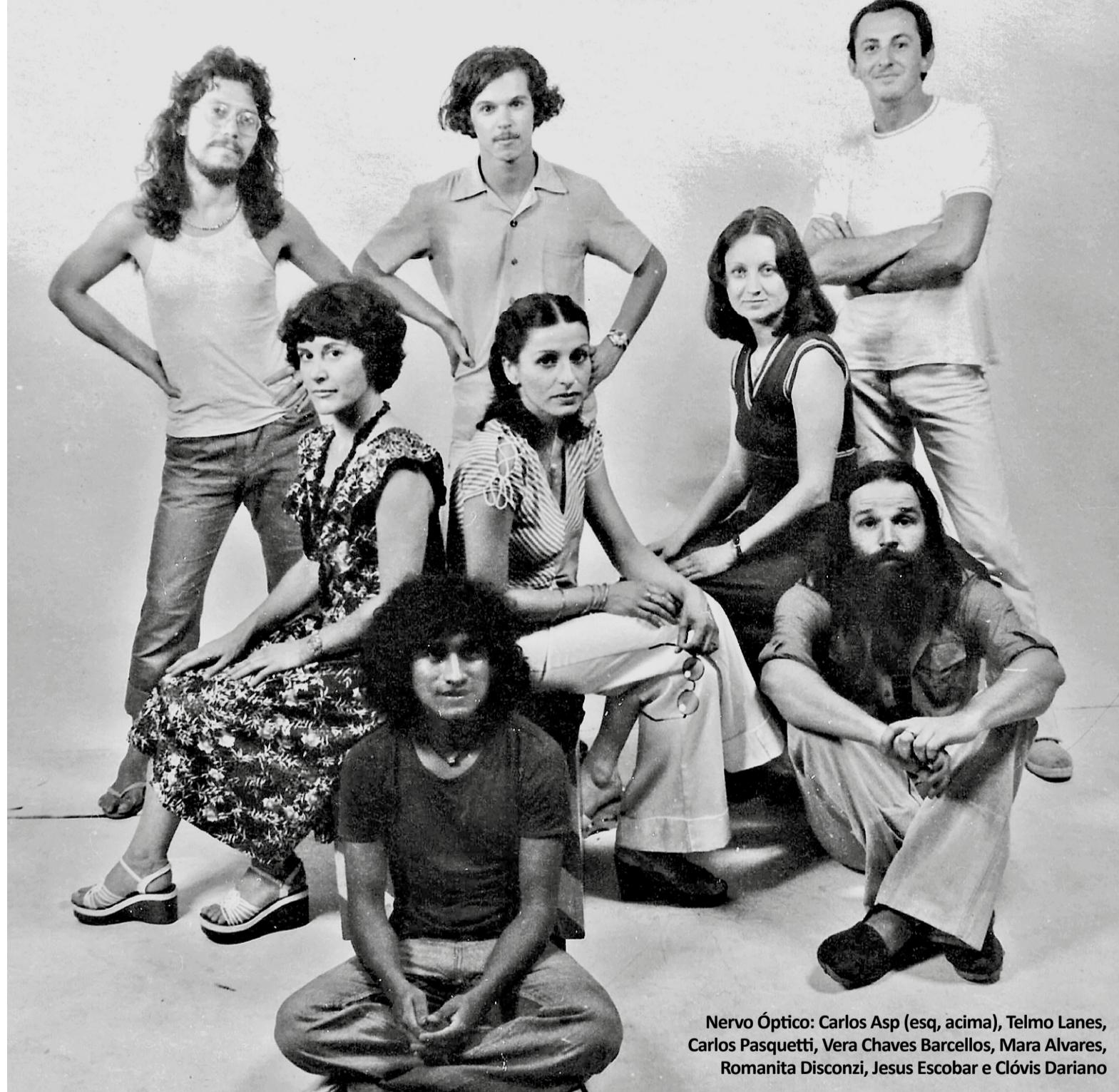


ARTES VISUAIS

Arte como processo e resistência

ACERVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DA FUNDAÇÃO VERA CHAVES BARCELLOS/DIVULGAÇÃO/JC



Nervo Óptico: Carlos Asp (esq, acima), Telmo Lanes, Carlos Pasquetti, Vera Chaves Barcellos, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Jesus Escobar e Clóvis Dariano

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

como processo' em um dos períodos mais rígidos da história brasileira - a ditadura militar.

Cinco décadas após a emergência de um dos movimentos mais disruptivos das artes visuais gaúchas, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul - Margs (Praça da Alfândega, s/nº) revisita o legado do grupo de artistas que, entre 1976 e 1978, viria a ser denominado por Nervo Óptico e celebra a obra de Carlos Pasquetti, reafirmando a atualidade de suas provocações. O ciclo de exposições interligadas revisitam e resgatam marcos fundamentais da história institucional do Museu e da arte contemporânea no sul do Brasil, ao mesmo tempo em que fazem um resgate da 'arte

festo assinado coletivamente pelo grupo. Em abril de 1977, os artistas que seguiram reunidos lançaram o cartazete intitulado *Nervo Óptico* - publicação aberta à divulgação de novas poéticas visuais. Com o objetivo de explorar meios alternativos de veiculação de suas obras, eles produziram 13 edições do cartazete impresso, que acabaria emprestando o seu nome ao grupo.

Segundo a integrante do Núcleo de Curadoria e Programa Público do Museu, Ana Chini, produtora da mostra *Nervo óptico 50 anos - um manifesto* (em exibição até 26 de abril, no 2º andar do Margs), o reencontro com esse acervo revela uma produção que nasceu do desejo de tirar a arte das

redomas do mercado e aproximá-la da vida cotidiana. Nela, o Museu expõe uma ampla e abrangente reunião de trabalhos artísticos e documentação, relacionados ao período de atuação coletiva do grupo, pertencentes a coleções pessoais dos artistas e a acervos artísticos e documentais institucionais, como a Fundação Vera Chaves Barcellos, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), e o próprio Margs.

"Eles tinham um jeito muito experimental, mais focado no processo do que na arte final", observa Ana, destacando que a exposição não apenas exibe o que restou daquela época, mas convidou os

próprios artistas remanescentes - Clovis Dariano, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos - a revisitarem suas obras e o manifesto que questionava as estruturas da época. Ana aponta que, com uma pluralidade de técnicas, o grupo deixou um legado de "nervosismo" e questionamento que ainda reverbera.

"Naquele contexto de ditadura, o uso de suportes baratos como xerox, mimeógrafo e arte postal não era apenas uma resposta à falta de recursos, mas uma estratégia poética e política para fazer as ideias circularem fora das paredes dos museus", explica. Essa busca pela quebra de barreiras aparece em vídeos experimentais como *Taquara*, onde os artistas batiam à porta de moradores para perguntar o que era mais importante em suas vidas, misturando arte e participação pública de forma indissociável.

Um dos pontos altos da mostra é a recuperação do espírito crítico e debochado do grupo frente ao conservadorismo. Uma fotografia emblemática presente na exposição apresenta os artistas com bolinhas pintadas no rosto, uma resposta irônica a um dos críticos do grupo, Danúbio Gonçalves, que chamava o movimento de "sarampo", profetizando que ele seria passageiro. Passados 50 anos, o "sarampo" da vanguarda gaúcha prova sua permanência em mais de 50 obras presentes na mostra. A exposição inclui desde as peças de roupa-arte de Telmo Lanes até os ambientes têxteis de Carlos Asp, que expandiam a obra para além das paredes. A fotografia, que na época lutava pelo status de 'arte', aparece como registro de fotoperformance, muitas vezes revelada e desenhada por cima por nomes como Clovis Dariano, transformando a reprodução técnica em um objeto único e experimental.

Essa atmosfera de experimentação também contamina o 1º andar do Margs, onde a retrospectiva *Carlos Pasquetti - espaços para esconderijos* dialoga diretamente com o movimento coletivo. Pasquetti, que também explorava o corpo e o movimento através de câmeras Super 8, personifica a mistura de linguagens - do teatro às artes visuais - que definia o grupo. Para Ana Chini, a realização simultânea das mostras é um momento crucial de olhar para a história do próprio Museu, que, mesmo em sedes improvisadas na década de 1970, teve a coragem de acolher essa vanguarda. "Ao revisitar essas trajetórias, o Museu não apenas homenageia o passado, mas reafirma como essa produção foi fundamental para consolidar as poéticas contemporâneas no Rio Grande do Sul", avalia.